

***ANTONIO MANZINI***

***A COSTELA  
DE ADÃO***

*Tradução do italiano de*  
MAURICIO SANTANA DIAS e SOLANGE PINHEIRO



## SEXTA-FEIRA

Eram dias de março, dias que oferecem lampejos de sol e promessas da primavera vindoura. Raios ainda mornos, talvez fugazes, mas que coloreem o mundo e se abrem para a esperança.

Porém, não em Aosta.

Havia chovido a noite toda, e gotas de água misturadas à neve haviam martelado a cidade até as duas horas da manhã. Depois a temperatura, que tinha caído vários graus, fora derrotada pela neve, e esta caíra em flocos até as seis horas, enchendo as ruas e as calçadas. Ao amanhecer, a luz surgira diáfana e febril, descortinando a cidade embranquecida, enquanto os últimos flocos retardatários esvoaçavam caindo em espirais nas calçadas. As montanhas se encontravam cobertas de nuvens e a temperatura estava alguns graus abaixo de zero. Em seguida, um repentino vento maligno começara a soprar, invadindo as ruas da cidade como uma horda de cossacos embriagados, estapeando homens e coisas.

Na Via Brocherel, apenas coisas, pois a rua ainda estava deserta. A placa de proibido estacionar balançava, e os ramos das arvorezinhas plantadas na calçada rangiam como os ossos de uma pessoa com artrose. A neve que ainda não se compactara se erguia em pequenos turbilhões, e uma persiana aberta batia constantemente. Dos tetos dos prédios caíam jatos de poeira gelada soprados pelo vento.

Irina dobrou a esquina entre a Via Monte Emilius e a Via Brocherel e levou um tabefe de ar em pleno rosto.

Os cabelos presos num rabo de cavalo voaram para trás, e seus olhos azuis se semicerraram. Se tirassem uma foto dela em primeiro plano e fora de contexto, ela pareceria uma louca sem capacete em uma moto a 120 quilômetros por hora.

Porém, aquele tabefe gelado e imprevisto lhe causou o efeito de uma carícia. Ela nem sequer ergueu a gola do casaquinho de lã cinzenta. Para alguém nascido em Lida, a poucos quilômetros da Lituânia, aquele vento

não era muito mais que uma agradável brisa primaveril. Se em março Aosta ainda estava mergulhada no inverno, em sua casa na Bielorrússia as pessoas andavam afundando no gelo a dez graus abaixo de zero.

Irina caminhava rapidamente com seus tênis Hogan piratas que brilhavam a cada passo e chupava uma bala de mel que comprara no bar depois de tomar o café da manhã. Se havia uma coisa que ela adorava na Itália era o café da manhã. Cappuccino e croissants. O barulho da máquina que esquentava o leite e forma a espuma branca, que então se mistura ao negro do café, e por fim o chocolate polvilhado. E o croissant, quente, crocante e doce, que derrete na boca. Só se lembrava do café da manhã que tomava em Lida. Com os mingaus de cevada ou de aveia que ninguém conseguia engolir, o café com gosto de terra. E ainda por cima os pepinos, logo de manhã aquele gosto azedo, que ela nunca suportara. Seu avô os engolia com aguardente, ao passo que seu pai comia a manteiga diretamente do pires, como se fosse um doce caramelizado. E quando ela contara isso para Ahmed, ele por pouco não vomitou de tanto dar risada. “Manteiga? Às colheradas?”, perguntara. E ria, mostrando os dentes branquíssimos que Irina invejava. Os dela eram acinzentados. “É o clima”, Ahmed lhe explicara. “No Egito faz calor, e os dentes são mais brancos. Quanto mais faz frio, mais eles são escuros. É o contrário da pele. É culpa do sol, que não brilha. E ainda por cima vocês comem manteiga de colher!”, e continuava rindo. Irina o amava. Amava o cheiro dele quando voltava do mercado. Tinha cheiro de maçã e de plantas. Amava quando ele rezava voltado para Meca, quando preparava os doces com mel, quando faziam amor. Ahmed era gentil e atencioso, nunca ficava bêbado, e o hálito dele tinha cheiro de menta. Só bebia cerveja de vez em quando, embora dissesse “o Profeta não permitiria”. Mas ele gostava de cerveja. Irina o olhava e pensava nos homens de seu país, no álcool que eles bebiam, vorazes, no hálito forte e no mau cheiro da pele deles. Uma mistura de suor, grapa e cigarros. Porém, Ahmed também tinha uma resposta para essa diferença substancial. “No Egito, a gente se lava mais porque, para rezar para Alá, você tem de estar limpo. E, como faz calor, a gente se

enxuga rápido. Lá na sua terra faz frio, e vocês nunca se enxugam. Isso também é culpa do sol”, lhe dizia. “Além do mais, nós não comemos manteiga de colher”, e mais risadas. Agora o relacionamento dela com Ahmed havia chegado a uma encruzilhada. Ele a pedia em casamento.

Casar.

Havia um problema de ordem técnica. Para se casar, Irina deveria adotar a religião islâmica, ou então ele a ortodoxa. E a coisa não se sustentava. Ela não podia se tornar muçulmana. Não por uma questão religiosa; Irina acreditava em um deus tanto quanto na possibilidade de ganhar na loteria, mas era a lembrança de sua família que a impedia de se converter. Lá na Bielorrússia, sua família era ortodoxa e praticante. Papai Aleksei e mamãe Ruslava, seus cinco irmãos, as tias e, acima de tudo, o primo Fiódor, que se casara com a filha de um metropolita. Como iria ela lhes dizer: “Oi. A partir de amanhã, chamo Deus de Alá”? E o próprio Ahmed não podia telefonar para o pai lá em Fayum e dizer: “Sabe, pai, a partir de amanhã eu sou ortodoxo!”. Sem contar que Ahmed tinha lá suas dúvidas se o pai sabia o que era um ortodoxo; ele teria pensado numa doença contagiosa. E assim Irina e Ahmed estavam pensando em um casamento civil. Eles mentiriam e seguiriam em frente. Pelo menos enquanto Aosta fosse um lar para eles. Depois Deus, Alá ou quem quer que fosse cuidaria do assunto.

Ela chegara em frente ao número 22 da rua. Pegou as chaves e abriu o portão. Que lindo era aquele prédio! Com as escadas de mármore e o corrimão de madeira. Não como o dela, que tinha as lajotas lascadas e manchas de umidade no teto. Tinha até elevador. No prediozinho dela, não. Era preciso subir os quatro andares a pé. E a cada três degraus, um estava quebrado, um solto, e o outro nem existia. Sem falar no aquecimento, com a estufa que assobiava e só voltava a funcionar depois de uma boa batida na porta. Irina sonhava em morar em um lugar como este. Com Ahmed e o filho Helmi, que já estava com dezoito anos e não sabia uma palavra de árabe. Helmi. Irina tinha tentado gostar dele. Mas ele

pouco se importava. “Você não é minha mãe! Vá cuidar da sua vida!”, gritava para ela. Irina engolia e não revidava. E pensava na mãe do menino. Que havia voltado para o Egito, a Alexandria, para trabalhar na loja dos parentes e que não quisera mais saber daquele filho e daquele marido. *Helmi* significa calma e tranquilidade. Irina sorria com a ideia: nunca um nome foi menos adequado que esse. *Helmi* parecia uma bateria sempre ligada. Saía, não voltava para dormir; na escola era um desastre, e em casa cuspiam no prato em que comia. “Morto de fome!”, dizia para o pai, “nunca vou acabar como você, vendendo frutas na banquinha! Melhor trepar com velhos!” “Ah, é? E o que você vai fazer?”, Ahmed gritava de volta, “vai receber o Nobel?”, ironizando os catastróficos resultados escolares do filho. “Você vai ser um desempregado, é o que vai ser. Mas isso não é profissão, sabe?” “Melhor que vender maçãs no meio da rua ou limpar a casa dos outros, como esta empregada que você botou em casa”, e indicava Irina, cheio de desprezo. “Vou ganhar dinheiro e vou vir te dizer oi no dia em que botarem você no hospital! Mas não se preocupe. O caixão eu pago.”

Normalmente, essas discussões entre Ahmed e *Helmi* acabavam com um tabefe do pai, o filho batendo a porta de casa, com o conseqüente aumento da rachadura na parede, que agora já estava chegando ao teto. Irina tinha certeza de que na próxima briga parede e teto viriam abaixo, pior que o terremoto de Vilnius, em 2004.

As portas do elevador se escancararam e Irina virou para a esquerda, rumo ao apartamento 11, nos fundos do prédio.

A fechadura se abriu na primeira virada. “Estranho, muito estranho”, pensou Irina. A fechadura sempre estava fechada com três voltas. Ela ia três vezes por semana à casa dos Baudo e, no último ano, nunca os encontrara em casa. O marido, às dez da manhã, já estava trabalhando fazia um tempo; na sexta-feira ele até saía ao amanhecer porque treinava de bicicleta; a esposa, por sua vez, voltava pontualmente do supermercado às onze, Irina poderia acertar o relógio por ela. Talvez dona Ester tivesse

contraído a gastroenterite que estava fazendo vítimas em Aosta, pior que a epidemia de peste medieval. Irina entrou no apartamento, levando junto um sopro de ar gélido. “Dona Ester, sou eu, Irina! Está fazendo tanto frio lá fora... A senhora está em casa?”, gritou, enquanto guardava as chaves na bolsa. “Não foi fazer as compras?” Sua voz rouca, herança dos 22 cigarros por dia, ecoava nos vidros fumê da porta de entrada.

– Senhora?

Fez deslizar uma das folhas da porta e entrou na sala.

Desordem. Na mesinha baixa diante da televisão, ainda estava a bandeja com os restos do jantar. Ossos de frango, um limão espremido e alguma coisa verde. Talvez espinafre. Embolada no sofá, uma manta verde-esmeralda, e no cinzeiro umas dez bitucas. Irina pensou que, muito provavelmente, a mulher estivesse no quarto com febre, e que na frente da televisão, na noite anterior, só estivesse Patrizio, o marido, assistindo ao jogo. De outra forma as bandejas seriam duas, a dele e a de dona Ester. As páginas do *Corriere dello Sport* estavam uniformemente espalhadas sobre o tapete, e um copo deixara dois belos círculos sobre a antiga mesinha clara. Balançando a cabeça, Irina se aproximou para ajeitar as coisas e com um pé chutou uma garrafa de vinho vazia que começou a girar. Irina a pegou e a colocou na mesinha. Depois recolheu o cinzeiro e despejou as bitucas no prato com as sobras de comida.

– Dona Ester? A senhora está aí? Está na cama?

Nenhuma resposta.

Com as mãos ocupadas segurando a bandeja, na qual mantinha em equilíbrio precário a garrafa de merlot, abriu a porta da cozinha com um movimento do quadril. Mas não entrou. Ficou parada na soleira da porta, olhando.

– Mas o que é isso...? – disse a meia-voz.

As portas dos armários estavam escancaradas. Pratos, tigelas e copos estavam no chão, ao lado de pacotes de macarrão e tomates enlatados. Panos de cozinha, talheres e guardanapos de papel espalhados pelo piso. Laranjas haviam rolado até embaixo da geladeira, meio aberta. As cadeiras

estavam reviradas, a mesa empurrada quase junto da parede e o processador de alimentos quebrado no chão cuspiam de suas entranhas fios e partes elétricas.

– O que foi que aconteceu aqui? – gritou Irina. Colocou a bandeja na mesa e se virou para o corredor. – Dona Ester! – chamou de novo. Nenhuma resposta. – Dona Ester, o que foi que aconteceu aqui?

Entrou no quarto esperando encontrar a mulher. A cama estava desarrumada. Lençóis e edredom amontoados em um canto. O guarda-roupa aberto. Voltou em direção à cozinha.

– Mas o que...? – seu pé bateu em um objeto. Olhou para o chão. Um celular despedaçado.

– Ladrões! – gritou e, como se alguém lhe tivesse posto uma lâmina fria e ameaçadora nas costas, se retesou e saiu correndo. O velho tapete afegão enrolado nos cantos a fez tropeçar. Irina caiu, batendo o joelho no assoalho.

Tac!

Um barulho surdo da rótula, seguido de uma dor lancinante que lhe chegou diretamente no cérebro.

– Aaaai! – gritou trincando os dentes e, segurando o joelho, se levantou.

Foi direto para a porta de correr da entrada, na certeza de que atrás dela já havia dois homens ameaçadores com os rostos cobertos por balaclavas pretas, com os dentes afiados de um animal feroz. Bateu as costas na porta de correr, que vibrou fazendo balançar os vidros fumês, e outra pontada de dor lhe percorreu a clavícula. Mas esta dor ela sentiu menos. Irina juntou toda a adrenalina que tinha no corpo e saiu mancando do apartamento do casal Baudo. Fechou a porta às suas costas rapidamente. Ofegava. Agora, no patamar da escada, se sentia segura. Olhou o joelho. A meia estava rasgada, e gotas de sangue manchavam sua pele branca. Lambeu dois dedos e os passou na ferida. De aguda, a dor havia passado a ser surda e insistente, mas era mais suportável. Depois percebeu que, ali no patamar, não estava nem um pouco segura. Se os

ladrões estivessem dentro do apartamento, o que lhes custaria abrir a porta e massacrá-la com uma faca ou um pé de cabra? Começou a descer as escadas do prédio, mancando e gritando:

– Socorro! Ladrões! Ladrões!

Bateu às portas do segundo andar, mas ninguém veio abrir.

– Socorro! Ladrões! Abram! Abram!

Continuou descendo. Teria preferido descer os degraus de dois em dois, mas o joelho não lhe permitia. Se agarrava ao belo corrimão de madeira, agradecendo a Deus por ter calçado os Hogan piratas comprados no mercadinho embaixo do apartamento dela, os quais, pelo menos, tinham a sola de borracha. Com solas de couro, era capaz que tivesse descido aquelas escadas de mármore escorregando com a bunda nos degraus. Ainda bateu às portas do primeiro andar. Com os punhos, tocando as campainhas, com pontapés, mas ninguém estava em casa. Ninguém abria. Só de um apartamento lhe respondeu o latido histérico de um cachorrinho.

“Um prédio de mortos”, pensou.

Finalmente chegou ao térreo. Abriu o portão e foi cambaleando para a rua. Deserta. Nem uma loja ou bar onde pudesse entrar para chamar alguém. Olhou os prédios da Via Brocherel. Ninguém nas janelas, ninguém entrando ou saindo. O céu estava cinza-chumbo e não havia nem um carro. Às dez da manhã, parecia que o mundo parara naquela rua, paralisado, e que, com exceção dela, nenhuma outra criatura viva morava naquele local.

– Ajuda! – berrou com todas as forças.

Então, como por milagre, na esquina da rua apareceu um velho enrolado num cachecol imenso com um vira-lata na coleira. Irina correu ao encontro dele.

O suboficial aposentado do exército, Paolo Rastelli, nascido em 1939, se deteve no meio da calçada. Uma mulher sem casaco, com os cabelos em pé, mancando, com um bocado de sangue no joelho, vinha correndo na direção dele, arquejando como um peixe recém-pescado. Ela berrava alguma coisa. Porém, o suboficial não a escutava. Só via a boca



escancarada, que parecia mastigar o ar. Resolveu ligar o aparelho auditivo Maico que usava no ouvido direito e que sempre mantinha desligado quando saía para dar sua voltinha com Flipper. Flipper, um cruzamento de yorkshire e de outras 32 raças, era pior que um tubo de nitroglicerina. Uma folha agitada pelo vento, o gorgolejar de um cano ou simplesmente sua imaginação de velho vira-lata de quatorze anos era suficiente para fazê-lo latir com a vozinha estridente e irritante que causava mais arrepios ao ex-suboficial Rastelli do que unhas riscando uma lousa. Mal foi ligado, o aparelho auditivo lhe disparou uma descarga eletrostática no cérebro. Depois, como era de se esperar, o ruído branco se transformou no ladrar agudo de Flipper, que estava agitado, até que finalmente conseguiu compreender da boca escancarada da mulher palavras de sentido completo:

– Socorro! Me ajude! Ladrões!

Flipper, que perdera quase toda a visão do olho direito – o esquerdo já estava cego havia anos –, não ladrava para a mulher, mas para uma placa agitada pelo vento do outro lado da rua. Paolo Rastelli tinha poucos segundos para decidir. Olhou para trás, mas não havia ninguém. Não teria tempo para pegar o celular e chamar a polícia, agora a mulher estava a poucos metros dele e corria feito uma louca, continuando a gritar:

– Socorro! Me ajude, senhor!

Dava para fugir daquela espécie de Fúria com os cabelos loiros cor de palha, mas primeiro teria de convencer o parafuso que tinha no fêmur e os pulmões à beira de um enfisema. Por isso, assim como quando montava guarda no depósito de munição quando era um simples soldado, permaneceu parado, atento, esperando que os problemas o atingissem com a inevitabilidade de um destino maldoso, maldizendo Flipper e suas mijadinhas no meio da manhã que o afastaram da revista de palavras cruzadas.

Eram 10h10 de sexta-feira, 16 de março.

Quando o despertador tocou, faltavam vinte minutos para as oito

horas. O subchefe de polícia Rocco Schiavone, a serviço em Aosta havia alguns meses, tinha se levantado e, como fazia todas as manhãs, foi à janela do quarto. Com a lentidão e a tensão de um jogador de pôquer que abre as cartas com as quais irá à rodada final, puxou as cortinas pesadas para espreitar o céu na vã esperança de ver um raio de sol.

- Merda - resmungou. Também naquela sexta-feira o céu estava fechado como a tampa de uma panela de pressão, a calçada branca de neve e os nativos caminhando apressados cobertos de cachecóis e chapéus. “Eles também sentem frio”, pensou Rocco, “quem diria.”

As habituais ações quotidianas: banho, uma cápsula de café expresso na maquininha, barba. De frente para o guarda-roupa, não tinha dúvidas sobre como se vestir. Como ontem e anteontem e o dia anterior e sabe-se lá por quantos dias futuros. Calças de veludo marrom, camiseta de algodão por dentro e lã por fora, meias de lã mista, camisa de flanela xadrez, malha de cashmere com decote em v, casaco de veludo verde e os inseparáveis Clarks. Tinha feito um rápido cálculo mental: seis meses em Aosta lhe tinham custado nove pares de sapatos. Talvez fosse mesmo o caso de encontrar uma alternativa válida, mas não conseguia. Tinha comprado dois meses antes as botas Teva, quando teve de andar nas pistas de Champoluc; porém, caminhar na cidade com aquelas betoneiras estava fora de questão. Vestiu o *loden*<sup>1</sup> e saiu para trabalhar. Como todas as manhãs, levava o celular desligado. Porque o ritual quotidiano não se encerrava com o ato de se vestir e sair de casa. Faltavam-lhe dois outros passos fundamentais antes de começar a jornada. Ir ao bar na piazza para tomar o café da manhã e, finalmente, sentar-se à escrivaninha e enrolar seu baseado matutino.

A entrada na delegacia era o momento mais delicado. Ainda mergulhado nos pensamentos noturnos e com o humor cinzento como o céu daquela cidade, Rocco entrava na surdina, veloz e esquivo como uma cobra no meio da grama. Era imperativo evitar o encontro com o agente D’Intino. Não às oito e meia, não logo cedo. D’Intino: o agente oriundo da província de Chieti, que o subchefe odiava talvez mais do que o clima

inóspito valdostano. Um homem que, com sua inépcia, era capaz de provocar incidentes letais aos colegas, mas nunca a si próprio. Que tinha mandado o agente Casella para o hospital, uma semana antes, atropelando-o com o carro em uma inútil marcha a ré no estacionamento da delegacia. Que havia quebrado uma unha do pé de Rocco com uma gaveta de ferro do arquivo. E que, com sua mania de arrumar as coisas, por pouco não envenenara Deruta, colocando água sanitária na garrafa d'água Uliveto. Rocco jurara que arruinaria D'Intino e começara a pressionar o chefe de polícia para que encontrasse um posto para o agente em qualquer delegacia em Abruzzo, onde ele seria muito mais útil. Naquela manhã, por sorte não topara com ninguém. O único que o havia cumprimentado era Scipioni, que estava na entrada. Ele se limitara a um sorriso amargo e voltara a olhar os papéis que estava examinando. Rocco chegou à sua sala, se sentou à escrivaninha e fumou um baseado bem fornido e saudável. Quando o apagou no cinzeiro, mal passava das nove horas. Era o momento de ligar o celular e começar a jornada. Logo uma notificação o avisou que havia uma mensagem de texto.

*Você vai decidir se dorme na minha casa pelo menos uma noite?*

Era Nora. A mulher com quem trocava fluídos corporais desde que o transferiram de Roma para Aosta. Um relacionamento superficial e de socorro mútuo que ela, no entanto, estava conduzindo rumo ao ponto crítico, a demanda de estabilidade. Coisa que Rocco não podia nem queria enfrentar. Para ele, as coisas estavam bem assim. Não precisava de companhia. Sua companhia era e seria para sempre sua esposa, Marina. Não tinha lugar para outra. Nora era bonita e aliviava a solidão. Mas não seria capaz de resolver seus problemas psicológicos. Quem vai a um analista faz isso porque quer se curar. E Rocco nunca botaria os pés no consultório de um analista. Ninguém vai ao altar com uma mulher como se fosse fazer uma salutar caminhada. Se o faz, é porque quer passar a vida ao lado da outra pessoa. Rocco já havia dado esse passo anos antes, e suas